

MARCAS

José Antonio Santos de Oliveira¹

A rotina de Célia mudou drasticamente durante a quarentena de dois mil e vinte. A dona de casa não saía com as amigas, não levava os filhos para a escola, não ia ao culto das mulheres. Deixou até de ir à academia na milésima tentativa de emagrecer. Ela só engordava. Tornava-se, por conseguinte, uma pintura de Fernando Botero.

O marido, todo carinhoso, a chamava de porca—a porca Célia, que nem se importava mais com os adjetivos do seu homem; seu foco, depois do estômago, estava nas redes sociais e na televisão, com as quais passava a maior parte do tempo todos os dias de confinamento.

Ao despertar do dia, a jovem senhora comungava com as mortes diárias postas nos jornais: “A covid-19 matou mais de mil brasileiros em um dia”. Lágrimas marejavam em seus olhos à medida que ingeria bebidas uma após a outra em um fluxo ininterrupto, como numa tentativa abstrata de preencher a escassez da essência. Chegou ao ponto até de ver sua foto estampada no jornal como mais uma vítima letal do vírus, de ouvir seu nome deslizar da boca cáustica do Willian Bonner indignado com os heróis brasileiros, o que não era com efeito mentira. Era uma verdade com gosto amargo de ficção.

Após assistir aos vários jornais, Célia ainda buscava paulatinamente informações no *WhatsApp*. A amiga da amiga da vizinha de uma tia de Célia enviou uma mensagem dizendo que lavar as mãos com barro e sabão matava vírus e bactérias. Aquele novo conhecimento a desestabilizava, de modo que a mulher se deitava, mexia-se e não dormia. Na verdade, há meses deixou de conjugar o verbo dormir em toda extensão da palavra. Pensava em lavar o barro com sabão e pôr na sua pele pálida, ressecada da sombra com breves contrastes de roxidão. Os hematomas de sua pele foram produzidos pelo seu esposo nos tempos de pandemia.

Célia entrava no *Facebook*, no grupo das antigas colegas da escola. Lembrava-se de como era sonhadora, de como sua pele macia enaltecia as formas bem delineadas do seu corpo, de como o outrora radiava um tempo ditoso, de como aos quinze anos foi possuída por aquele que seria seu esposo. Era feliz e sabia degustar a substância desse adjetivo.

Às vezes ficava horas e horas deitada no sofá. Enjoou o cheiro da comida, a voz do marido, o andar corrido dos filhos. Márcio, para aliviar os sofrimentos da mulher, batia-lhe na cara, chamava-a de vagabunda, de cheirosa. Mas não sabia que a viuvez havia chegado à sua porta.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

Com as tatuagens intempestivas de Márcio, Célia fechava os olhos, pois já eram horas de ir para a cama. Suas pernas anestesiadas abriam praticamente todas as noites para aliviar o estresse diário do companheiro. Célia, mesmo assistindo aos vários jornais, ainda era uma mulher do interior e foi domesticada a ser subserviente; para ela, o alimento humano era destituído de voz, um objeto que nunca se indagava, sendo estranho a si próprio.

Não tardou, porém, para que o vizinho de Célia contraísse a Covid-19, já que usar a máscara no queixo tem suas desvantagens. Essa informação nevrálgica demorou a ser processada pela mulher, que começou a sofrer o peso de Atlas no coração—suava angustiadamente—, de modo a sentir náuseas e tonturas cada vez mais frequentes. O medo a dilacerava por dentro, o sono perdia-se como tantos outros, faltava-lhe enfim o precioso ar.

O medo de Célia era tão grande que deduziu estar contaminada, eis que a morte estava a bater na porta daquela família com sua foice viral. Virava-se de um lado para o outro, assistia aos jornais, esvaziava a geladeira. Mas nada era suficiente. Enquanto isso, ao lado, o marido da mulher grunhia satisfeito após a refeição noturna. O homem que laçou seu coração desde a tenra idade, o homem que esteve com ela na saúde e na doença até que a morte os separasse (ou reunisse, já que era evangélica) dormia imóvel, frágil à direita da cama. Apesar de tudo, é verdade, a ideia de deixar Márcio, seu único amor até o momento, era estarrecedora, era cruel demais para aquela mulher agora desprovida do mundo e de perspectivas futuras.

Então, em um ato de coragem como nunca visto antes, Célia compartilhou sua asfixia com o marido, apertando o nariz e a boca do companheiro com o lençol aquecido, momentos antes, no berço do amor conjugal.